

**UniCEUB – FACE – LETRAS**

**Disciplina: Monografia**

**Professor-Orientador: Ana Luiza Montalvão Maia**

**COLONIZADOR E BARBÁRIE – A TRAJETÓRIA  
DE MACUNAÍMA DE MÁRIO DE ANDRADE**

**Karla A. A. Nantes de Oliveira Rodrigues**

**Brasília, junho/2004.**

**UniCEUB – FACE – LETRAS**

**Disciplina: Monografia**

**Professor-Orientador: Ana Luiza Montalvão Maia**

**COLONIZADOR E BARBÁRIE – A TRAJETÓRIA  
DE MACUNAÍMA DE MÁRIO DE ANDRADE**

**Karla A. A. Nantes de Oliveira Rodrigues**

**Brasília, junho/2004.**

## **DEDICATÓRIA**

Primeiramente dedico essa monografia aos meus pais que, por vezes, renunciaram aos seus sonhos, para que eu pudesse realizar os meus, ao meu esposo pelo companheirismo, amor e dedicação e especialmente agradeço a minha orientadora que repartiu comigo seus conhecimentos e me incentivou para que eu realizasse esse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Pensar em agradecimento é pensar em pessoas que em algum momento de suas vidas estiveram e compartilharam comigo sonhos, problemas, realizações...Pensar em agradecimento é pensar inclusive nas pessoas que não estiveram e que, por isso, também contribuíram para que eu seja a pessoa que sou hoje. Sendo assim, agradeço primeiramente a Deus que me mantém com saúde, coragem de viver e sem medo de enfrentar os desafios da vida. Agradeço também aos meus pais, meu esposo, meus familiares e amigos que sempre me estimularam a prosseguir neste percurso, contribuindo com críticas e palavras de acolhimento, de maneira ativa ou silenciosa, mas sempre muito significativas para mim.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>06</b>
<b>Capítulo 1: O que é literatura e a relação literatura/subdesenvolvimento.....</b>	<b>07</b>
<b>Capítulo 2: Literatura e nacionalismo no Modernismo brasileiro.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 3: Mário de Andrade e Macunaíma no contexto literário e histórico do Brasil.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 4: Análise da obra Macunaíma, de Mário de Andrade, como literatura de testemunho.....</b>	<b>17</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>20</b>
<b>Referência.....</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

A relação entre a literatura e história constitui tema muito rico e que merece ser no meio acadêmico brasileiro. Os fenômenos históricos se refletem na literatura, não para interferir no curso das obras, mas na intenção de enraizá-las socialmente para formar sobre elas uma compreensão mais aprofundada de nossa verdadeira história. Nesse sentido, da mesma forma que a Nação é formada pela narrativa, esta influencia a construção de idéias de uma nação, “a nação é em si uma narrativa, uma das grandes narrativas do progresso, da emancipação, da ilustração, que se gerou no interior mesmo da complexa experiência de colonizar e ser colonizado” (Said, 1994, p.xiii), e ainda segundo Anderson, “a narrativa é concebida como um particular artefato cultural, que se define como uma comunidade politicamente imaginada, limitada e soberana, com idéias, companheirismo e fraternidade” (Anderson, 1989, p.14-15).

É importante ressaltar, porém, que a literatura não é unicamente “testemunho histórico”, e sim uma forma de recreação elevada na qual podemos conhecer o mundo e os homens.

## CAPÍTULO 1

### O QUE É LITERATURA E A RELAÇÃO LITERATURA/SUBDESENVOLVIMENTO

O conceito mais comum dado à literatura é que esta é a “arte da palavra”. No sentido de ampliar esse conceito e ainda torná-lo mais científico, nesse trabalho, no qual o objeto de estudo é a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, entender-se-á tal conceito partindo do pressuposto que a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua, tanto falada quanto escrita. Dessa forma a literatura passa a ter “vida própria”, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade da qual proveio sendo assim, ela, a literatura adquire todas as inquietudes pelas quais a sociedade passa. Nesse sentido, Antonio Candido fala da literatura como “uma atividade sem sossego”<sup>1</sup> pois, está sempre envolvida com os questionamentos da alma humana. Isso faz com que a literatura “nunca tenha consciência tranqüila e manifeste instabilidade e dilaceramentos, como tudo o que é reprimido ou contestado”<sup>2</sup>. Não se pode deixar de mencionar o fato de que a arte literária, por ser um instrumento de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social que vale a pena um estudo mais detalhado do mesmo. Fica evidente que a literatura mais do que apenas proporcionar prazer ela se presta a revelar o homem, sendo assim nada mais do que expressar a sociedade na qual está inserida e aí se apresenta também à relação entre a literatura e os fatos históricos.

No âmbito dos estudos literários o estudo das relações entre a Literatura e outros campos de investigação, buscando, na medida do possível, propor, discutir ou criticar modos de colaboração entre a literatura e outras áreas de estudo (nesse caso História) é de fundamental importância para o conhecimento de

---

<sup>1</sup> Candido, Antonio. *Literatura de dois gumes* in *A educação pela noite*. São Paulo, Ática, 1987. p. 163.

<sup>2</sup> Candido, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento* in *A educação pela noite*. São Paulo, Ática, 1987. p 140.

nossa sociedade e é partindo desse pressuposto que a relação entre sociedade/literatura/ se torna necessária.

É no sentido de a literatura ser uma forma expressão da sociedade, que Antonio Candido<sup>3</sup> insere a relação entre literatura e subdesenvolvimento. A noção de subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial e a literatura, na fase de reconhecimento desse atraso teve um papel de fundamental importância no que se refere ao desenrolar dos desdobramentos do subdesenvolvimento, nesse caso específico do subdesenvolvimento brasileiro.

O analfabetismo é o traço básico do subdesenvolvimento e dele geram-se várias debilidades culturais. A literatura é dependente principal dessa condição, já que a mesma tem como veículo de propagação a palavra e é nesse ponto que os países subdesenvolvidos continuam em atraso, pois com o analfabetismo, não só apenas da escrita, mas também o cultural é que se propagam os meios não-literários e paraliterários no grande público. Além desse aspecto externo, o analfabetismo cultural e escrito, também influencia a atuação do escritor do país periférico que necessita buscar fora de seu país fontes para a sua produção, daí provem o caráter de a literatura ser chamada de “produto híbrido”, ou seja, uma união das características locais com as externas que são necessárias como fonte, como base para um escritor. O que muitas vezes acontece é de o escritor priorizar mais o externo do que o nacional e aí a obra deixar de expressar as peculiaridades de determinada sociedade.

Com a supervalorização do estrangeiro perante o nacional, é que no âmbito da literatura nos países em desenvolvimento é que se desenvolveu a chamada “literatura de massa” que nada mais é do que uma literatura vinda de países desenvolvidos e que nada tem a ver com a realidade cultural dos países subdesenvolvidos. Essa literatura massificadora além de difundir a cultura e os ideais de tais países atua também para orientar a opinião e a sensibilidade das populações subdesenvolvidas no sentido dos interesses políticos dos países desenvolvidos.

A própria formação do sistema literário brasileiro foi massificada, ou seja, o sistema literário brasileiro foi imposto pelos colonizadores que trouxeram da

---

<sup>3</sup> Candido, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento* in A educação pela noite. São Paulo, Ática, 1987. p.140.

metrópole todas as formas literárias vigentes na época como se os nativos do Brasil não tivessem forma alguma de expressão no campo das letras. Os primórdios da literatura brasileira foram trazidos de Portugal e forçosamente introduzidos na cultura nacional como sendo originário da mesma. Já na posição de colonizado nada restou aos intelectuais brasileiros senão aceitar e difundir os ideais da cultura portuguesa, que também eram fruto de outros países mais desenvolvidos da Europa, como França, por exemplo.

Desse início conturbado, nada mais restou à sociedade colonial brasileira do que ser um prolongamento das culturas das metrópoles, ou seja, uma transposição das leis, tradições, costumes... E essa forma de agir aparece na literatura do Brasil, e também na América Latina em geral, que muitas vezes em nada reflete a cultura nacional, ao contrário é uma literatura de massa, ou seja, uma literatura de caráter industrial e que em nada representa as necessidades particulares de cada sociedade.

Quando se relaciona à alta literatura com a indústria cultural (literatura de massa) verifica-se que a segunda tornou-se industrial em alta escala, havendo, com isso, uma enxurrada de produtos padronizados de acordo com uma demanda de baixa qualidade estética que essa indústria produz, já que o que importa para a mesma é um tipo de leitura fácil, descartável, pronta para ser consumida sem esforço. Em contrapartida a essa industrialização tem-se a alta literatura que é interessada em ampliar o conhecimento e a experiência humanos, fazendo o uso do despertar do senso crítico.

O processo de urbanização globalizado (integração das economias e das sociedades dos vários países do mundo) e embrutecido que atinge os países periféricos parece ser o maior problema quando se fala em literatura de massa, pois devido a esse processo as grandes massas passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em quadrinhos o que constitui a base de tal literatura, já que os mesmos se mostram muito mais acessíveis e agradáveis, porém são altamente dirigidos e carentes de variação, enquanto que os textos da alta literatura, ainda que de menor acessibilidade, abrem-se em leque e se presta a múltiplas opções e é nesse momento que se torna evidente sua maior riqueza criadora.

Apenas a partir dos movimentos estéticos do decênio de 1920 é que se começou a ter uma relativa independência cultural dos países desenvolvidos apesar de o Brasil ainda estar na lista dos países em desenvolvimento. Essa independência passou a significar mais uma assimilação recíproca, já que não se pode negar os grandes pensadores daqueles países, do que uma simples cópia servil. O Movimento Modernista de 1922 teve como base essa ruptura com servidão provinciana, o que resultou em um grande avanço para a literatura brasileira. Pela primeira vez o Brasil é considerado no contexto mundial como tendo algo a oferecer. Ao contrário do embasbacamento, os modernistas propunham uma postura cultural sem sentimento de inferioridade, uma cópia sim, porém uma cópia regeneradora.

Pode-se afirmar que após o decênio de 1920 a literatura nacional brasileira amadureceu e com isso uma outra característica muito importante da arte literária passou a ser reconhecida, apreciada e estudada; o fato de a literatura ao mesmo tempo em que mostra a sociedade, faz com que a mesma se debruce sobre ela mesma e veja assim os seus percalços.

É com essa concepção sempre em mente, que tanto os escritores quanto os leitores devem fazer o uso da literatura como fonte inesgotável de prazer e de conhecimento de mundo.

Seguindo esse princípio, é que a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, foi escolhida como o objeto de estudo desse trabalho e para dar continuidade ao tema proposto no início desse capítulo, bem como o tema do trabalho é que o capítulo que se segue tem enfoque voltado para a relação entre literatura e nacionalismo no Modernismo do Brasil.

## CAPÍTULO 2

### LITERATURA E NACIONALISMO NO MODERNISMO BRASILEIRO

Que país é este? Quem sou eu? Em virtude da minha função social, que lugar ocupo? Por que esta sociedade – a nossa - vai se formando desta maneira e não daquela? Por que é este o senhor? Que tarefa cabe ao senhor? ao índio? ao escravo? E assim infinitamente"<sup>4</sup>

Desde os primórdios de nossa literatura a preocupação com a formação de uma identidade nacional se fazia presente. Sabe-se que já no seu “Instinto de nacionalidade”, Machado de Assis questiona a correlação direta entre cor local e nacionalismo e encena o dilema da constituição da identidade cultural, sublinhando-se respostas distintas que se apresentam ao mesmo problema, o problema da representação discursiva da Nação e da identidade nacional. Porém, o Romantismo brasileiro, em meados do século XIX, foi buscar a resposta no índio idealizado, que encontramos claramente na obra “*Iracema*”, de José de Alencar, essa narrativa procurou esconder os traumas da conquista ibérica e criar imagens que nos aproximassem do modelo de civilização européia, essa obra trabalhou mais com o esquecimento do que com a memória. Já o Modernismo, meados do século XX, tentou responder à pergunta sem se iludir com o mito do bom selvagem romântico, e identificou a riqueza da sociedade brasileira pela multiplicidade de raças e culturas aqui existentes e pela aquisição de um “modelo” externo, enfim travou uma luta contra o esquecimento promovido pelo poder e fez emergir os aspectos do passado que haviam sido silenciados pelas representações oficiais.

---

<sup>4</sup> Santiago, Silviano. *Vale quanto pesa*; ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

O Movimento Modernista se iniciou em meados do século XIX e tinha como pressuposto fundamental o rompimento com as estruturas do passado. Aqui vale ressaltar que tal movimento não deve ser visto apenas do ponto de vista artístico, mas também como um movimento social e político (fim da República Velha), já que várias transformações ocorreram nesse período nos mais variados setores da sociedade daquela época. O Modernismo ao mesmo tempo em que procurava o novo, o original e o polêmico, também fez com que o nacionalismo se manifestasse de formas variadas como, por exemplo: na volta às origens, na busca de uma "língua brasileira" (a língua falada pelo povo nas ruas), nas paródias... Tudo isso numa tentativa de repensar a história e a literatura brasileiras, tendo sempre em foco a valorização do que era verdadeiramente brasileiro. A postura nacionalista dessa época apresentou duas vertentes distintas: de um lado, um nacionalismo crítico, consciente, de denúncia da realidade brasileira, identificado politicamente com as esquerdas; de outro, um nacionalismo ufanista, utópico, exagerado, identificado com as correntes políticas de extrema direita. Os escritos modernistas que mais interessam a tema proposto nesse capítulo são os que pertencem a primeira vertente da postura nacionalista. Dessa forma, os autores do final da década de 20 elegeram o primitivismo (especialmente em *Macunaíma*, de Mário de Andrade), ou seja, à volta as nossas origens indígenas como forma de descobrir a essência do povo brasileiro.

Nessa época vários movimentos primitivistas surgiram no cenário brasileiro e os manifestos que mais se destacaram foram: Manifesto do Pau-Brasil e da Antropofagia, dentro da linha comandada por Oswald de Andrade, e dos manifestos do Verde-Amarelismo e do grupo da Anta, que já trazem as sementes do nacionalismo fascista comandado por Plínio Salgado. Ainda com a temática do nacionalismo impregnada em sua mente é que Oswald de Andrade numa busca pela expressão nacional fez a seguinte pergunta quando em 1924 assistia uma exposição de máscaras africanas que para ele expressavam a identidade daquele povo; "E nós, os brasileiros, quem somos?". Com essa pergunta começa a se delinear no cenário brasileiro uma luta por um abasileiramento em todos os ramos da sociedade.

Devido a essa busca pela expressão nacional foi que Mario de Andrade, um dos líderes do Movimento Modernista e um de seus mais importantes teóricos escreveu seu romance *Macunaíma* que é objeto de estudo desse trabalho que será contextualizado literário e historicamente no capítulo que se segue.

### **CAPÍTULO 3**

#### **MÁRIO DE ANDRADE E *MACUNAÍMA* NO CONTEXTO LITERÁRIO E HISTÓRICO DO BRASIL**

Foi a “Semana de Arte Moderna”, em 1922, que projetou Mário de Andrade como figura-chave do movimento modernista, e para um melhor desdobramento da análise do objeto de estudo desse trabalho segue abaixo um histórico dos contextos literários e históricos do Brasil na época na qual Mário de Andrade escreveu a obra *Macunaíma* que foi publicada em 1928.

Quando a obra *Macunaíma* emergiu em nosso País, a sociedade brasileira já se encontrava bastante mudada. A década de 20, especialmente de 1922 a 1926 (período no qual o Estado de Sítio vigorou) foi chamada de “anos de crise”, logo pode-se concluir que também foram tempos de mudança nos mais diversos campos da sociedade brasileira daquela época. Especialmente no campo da político e no campo literário é que foram assinaladas as mudanças mais significativas.

Especificamente no contexto político (histórico), o período no qual o Modernismo brasileiro (1922 a 1945) estava inscrito e logo, no período no qual Mário de Andrade escreveu *Macunaíma* (1928) foi um período que coincidiu também com as mudanças ocorridas na Europa com o advento da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918). Dessa forma, as mudanças interferiram no Brasil de forma contundente, especialmente no que se referiu a importação; era quase impossível importar alguns artigos industrializados da Europa. Com isso as indústrias nacionais começaram a produzir artigos novos e também a melhorar a qualidade daqueles que já eram produzidos por aqui, para que dessa forma o crescimento industrial, e em conseqüência outros setores da sociedade fossem fortalecidos.

No que se refere às políticas governamentais da época do Modernismo brasileiro, vale salientar que a permanência da República das Oligarquias era cada vez mais questionada e à medida que a crise da república oligárquica se agravava, os intelectuais brasileiros iam ganhando mais importância no cenário nacional, já que com idéias vanguardistas (idéias mais avançadas do que as do resto da população) atuavam junto ao Estado no intuito de desenvolver no País uma consciência mais crítica e uma postura mais combativa perante a sociedade em geral. Com os desdobramentos políticos do Brasil assinalados no início desse capítulo e com a exposição do parágrafo acima, a população passou a ter mais liberdade para atuar ativamente nas questões do País e assim podiam agir socialmente e politicamente interferindo nos rumos da sociedade.

No contexto literário da época essa “necessidade” de mudança também se fazia latente. Os intelectuais do período em questão e as suas manifestações artísticas eram voltados para que “o rosto e a alma” do povo brasileiro fossem realmente revelados. O primeiro antecedente dessa nova postura nacional foi o impacto que a Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918) causou ao modo de pensar dos intelectuais brasileiros da época. Até então a supremacia Européia era inquestionável em amplos sentidos; econômicos, sociais, literários, dentre outros. Porém a Primeira Guerra revelou a fraqueza daquela civilização que tanto os intelectuais da República Oligárquica tinham como modelo. O que restou para os intelectuais, do que podemos chamar de período das mudanças (1922 a 1945), foi à procura por algo moderno, nacional e polêmico, ou seja, uma volta às origens, as verdadeiras as raízes do Brasil.

Foi com esse intuito, de valorização do nacional, que a intelectualidade brasileira da época promoveu em 1922, em São Paulo, a *Semana de Arte Moderna*. Esse evento foi uma ruptura com as velhas formas da arte brasileira. Os autores modernistas, como ficaram conhecidos os integrantes dessa nova postura artística nacional, tinham por metas principais a busca pela expressão nacional (nacionalismo), a busca por uma língua genuinamente brasileira, e a ruptura com as estruturas do passado, fossem elas no campo das artes, da política... .

Foi nesse contexto inovador que surgiu Mário de Andrade. Esse autor é considerado um dos pilares do Modernismo brasileiro. O que mais caracterizou, e caracteriza, Mário de Andrade é o seu permanente espírito crítico, seja com relação a obras alheias ou a sua própria obra. Mario se “encaixou” num grupo de escritores denominado “Experimentalista”, pois tal grupo iniciou as experiências da renovação estética da ficção daquele período. Sua constante autocrítica e a sua experimentação (permanente reação às formas estratificadas) constantes fizeram dele um pesquisador da cultura nacional e foi nesse contexto que ele escreveu a obra *Macunaíma*. Esse personagem irreverente representou a síntese do Brasil e foi configurado com “pedaços” de nosso País;

“um livro no qual acumula um despropósito de lendas, superstições, frases feitas, provérbios e modismos de linguagem, tudo sistematizado e intencionalmente entretecido, feito um quadro de triângulos coloridos em que os pedaços, aparentemente juntados ao acaso, delineiam em conjunto a paisagem do Brasil e a figura do brasileiro comum.”<sup>5</sup>

A obra *Macunaíma* de Mário de Andrade que é o objeto de estudo desse trabalho e será analisada no capítulo seguinte.

---

<sup>5</sup> M. Cavalcanti Proença. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo, Anhembi, 1955, p.11.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DA OBRA *MACUNAÍMA*, DE MÁRIO DE ANDRADE, COMO LITERATURA DE TESTEMUNHO

#### RESUMO DA OBRA

Macunaíma, que leva o subtítulo de "herói sem nenhum caráter", é também o nome do personagem central, um herói ameríndio que trai e é traído, que é preguiçoso, indolente, mas esperto e matreiro, individualista e dúbio. Destituído da auréola idealizada dos românticos, Macunaíma é o índio moderno, múltiplo e contraditório. Nasce na selva, filho de uma índia tapanhumas, fala tardiamente e só anda quando ouve o som do dinheiro. Vira príncipe e trai o irmão Jiguê ao brincar com as cunhadas, primeiro Sofará e depois Iriqui. Vira homem e mata a mãe, enganado por Anhangá. Casa-se com Ci, a mãe do mato, guerreira amazonas da tribo das Icamíabas. Macunaíma torna-se o Imperador do Mato Virgem. Após seis meses, tem um filho. A criança morre, transformando-se em planta do guaraná. Ci, cansada e desiludida, vira a estrela Beta da Constelação Centauro. Antes de morrer, porém, Ci deixa ao esposo a muiraquitã, uma pedra talismã que lhe daria a garantia de felicidade. Mas o herói perde a pedra que acaba nas mãos do rico comerciante peruano Venceslau Pietro Pietra, colecionador de pedras em São Paulo. Em companhia de seus dois irmãos - Maanape e Jiguê - vem para São Paulo a fim de reconquistar a pedra, que simboliza seu próprio ideal. Porém, Venceslau, que está disfarçado de comerciante, é na verdade o gigante Piaimã, comedor de gente; por isso, as investidas de Macunaíma contra ele não dão resultado. Só depois de apelar para a macumba Macunaíma consegue derrotar o gigante. Reconquistada a pedra, Macunaíma retorna ao Amazonas e se deixa atrair pela lara, perdendo definitivamente a pedra. Como já não vê mais graça no mundo, vai para o céu, onde se transforma em estrela da Constelação Ursa Maior, ficando relegado ao brilho inútil das estrelas.

Antes de escrever *Macunaíma*, Mário fez pesquisas e consultas detalhadas de elementos que apresentassem valores ou características nacionais, como a fauna, flora, instrumentos musicais, negro, práticas medicinais, mitos, lendas, expressões indígenas, etc; enfim, procurava acima de tudo documentar a psicologia do brasileiro e para tanto em fez sua 1ª viagem etnográfica pelo Brasil. Em Maio de 1927, ele foi até o Norte do país, Amazonas e Pará. Esse Norte é mais do que apenas o norte geográfico, esse norte significa também o norte-

rumo, onde o Brasil finalmente poderia ser descoberto em sua pureza. As lembranças das viagens se multiplicavam nos objetos recolhidos, nas anotações feitas e nas fotografias tiradas. Todos esses objetos recolhidos, ou insistentemente pedidos por carta aos amigos, sobretudo a Câmara Cascudo<sup>6</sup> fez de Mário de Andrade um colecionador. Ordenadas, reunidas e apresentadas por ele, as coleções de Mário de Andrade revelaram o Brasil descoberto aos brasileiros. Essas coleções têm uma ligação direta com a obra *Macunaíma* e também com o título desse trabalho, no sentido de que mostram a verdadeira história do Brasil, e não mais aquela estória idealizada contada por nossos colonizadores.

Em *Macunaíma*, que pode ser chamado como livro síntese dos descobrimentos do Modernismo brasileiros, o “herói sem nenhum caráter” percorre o Brasil inteiro em viagens extraordinárias numa busca pela tradição brasileira, que para Mário de Andrade, significava por um lado à afirmação do europeísmo como “nosso primeiro, derradeiro e único mal”<sup>7</sup> e por outro, o desejo de “tradicionalizar o Brasil”<sup>8</sup>. Dentre os inúmeros tópicos abordados no livro no intuito de mostrar aos leitores a “verdadeira história do Brasil” e não mais aquela imposta por nossos colonizadores estão: o uso de uma “língua brasileira”, a referência ap folclore e às tradições nacionais. Esses tópicos foram incessantemente trabalhados na obra em destaque, já que para Mário tais assuntos eram os que mais caracterizavam nosso País, mais individualizavam o Brasil perante seus colonizadores europeus.

No que se refere à linguagem utilizada no livro, esta se caracteriza por uma inovação tanto no sentido da linguagem escrita quanto no que se refere à linguagem literária. A primeira, ou seja, no uso de uma escrita que retratasse nosso povo, o autor fala da “língua brasileira”, e “inventa” tal língua utilizando o que de mais nacional havia; a linguagem popular. Nesse aspecto lingüístico, a língua portuguesa passou por alterações que caracterizaram o “brasileirismo”, o português do Brasil e não mais o português de Portugal imposto desde os tempos da colonização. Ainda no sentido de construção da nacionalidade brasileira,

---

6

<sup>7</sup> Mário de Andrade, *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, p. 429

<sup>8</sup> Mário de Andrade, *entrevista concedida ao jornal A noite, Rio de Janeiro*, 12/12/1925, in: Georgina Koifman (org.), pp. 145 a 150.

Mário utiliza o linguajar de diversas regiões do País (São Paulo, Minas, Amazonas...) com o intuito de desregionalizar os acontecimentos, não apresentando apenas partes do Brasil e sim o País como um todo, evitando assim em cair no chamado “regionalismo” o que para ele não expressava o País num todo unívoco:

“ Minha intenção foi esta: aproveitar no máximo possível lendas tradições costumes frases feitas etc. Brasileiros. E tudo debaixo de um caráter sempre lendário porem como uma lenda de índio e de negro. O livro quase não tem nenhum caso inventado por mim, tudo são lendas que relato (...) Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrigar e trabalhar material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotisar pro resto do Brasil. (...) Enfim é um livro bem tendenciosamente brasileiro.”<sup>l</sup>

Ainda no que se refere a “escrita nacional”, para o autor da obra em análise, ele mostra o drama da dualidade lingüística do Brasil, o que para Mário era a missão primordial dos modernistas:

“porque o Brasil é uma nação possuidora de uma língua só. Essa língua não lhe é imposta. É uma língua firmada gradativa e inconscientemente no homem nacional. É a língua de que todos os socialmente brasileiros têm que se servir, se quiserem ser compreendidos pela nação inteira. É a língua que representa intelectualmente o Brasil na comunhão universal”<sup>9</sup>

E ainda:

"Ora, sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra.".<sup>10</sup>

No âmbito da linguagem literária, o autor de *Macunaíma* buscou uma nova linguagem literária, que mesclava o nacional e o moderno (vanguardas européias) o que conferiu a obra um espetacular dinamicidade.

O capítulo, denominado de “Carta pros Icamíabas” do qual foi retirado o trecho acima é considerado o mais eloqüente no que se refere à construção da

<sup>9</sup> Mário de Andrade, *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, p. 434

<sup>10</sup> Mário de Andrade, *Carta pros Icamíabas. In Macunaíma - o herói sem nenhum caráter*, p.71

identidade nacional. De maneira muito crítica, essa carta reflete todas as mazelas daquele país em busca de sua “identidade nacional”. É nesse capítulo que o autor coloca a relação entre o subdesenvolvimento brasileiro e a sua condição submissa com relação as grandes potências:

Porém, senhoras minhas! Inda tanto nos sobra, por este grandioso país, de doenças e insectos por cuidar!... Tudo vai num descalabro sem comedimento, e estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes! Em breve seremos novamente uma colônia da Inglaterra ou da América do Norte!... em que se encerram os segredos de tanta desgraça:

"POUCA SAUDE E MUITA SAUVA. OS MALES DO BRASIL SÃO!"<sup>11</sup>

É ainda no mesmo capítulo há várias referências características da cultura brasileira, como a preguiça de Macunaíma, a dualidade lingüística, a miscigenação, dentre outros.

Com o exposto nesse capítulo fica evidente a intenção do escritor modernista Mário de Andrade em “demonstrar que o País necessitava se” fortalecer “, e dessa forma era necessário acreditar que o passado e que a história nacional podiam ser resgatados e que com isso se daria à inserção da realidade puramente brasileira no contexto nacional. Para o autor o povo brasileiro era um povo sem cultura, sem” consciência tradicional “, visto que a imposição cultural na época da colônia se prolongou e a dependência política, cultural e social do Brasil com relação a outros países mais desenvolvidos era latente. O Brasil necessitava, na época em que Mario de Andrade escreveu Macunaíma, construir uma identidade nacional que pudesse primeiramente amenizar o que as barbáries, cometidas por nossos colonizadores, ocasionaram (falta de amor pelo que era brasileiro, descrença no País e no povo brasileiro, idealização americanizada e europeizada muito fortes levando a uma depreciação do nacional...) e em segundo plano essa identidade nacional fortaleceria o povo brasileiro no sentido de eles próprios acreditarem nas potencialidades desse País.

Para finalizar o autor acredita que todo o problema relacionado à falta de um nacionalismo brasileiro se devia ao fato de o mesmo foi formado por fragmentos raciais e culturais disseminados pela falta de uma “raiz embrionária”,

---

<sup>11</sup> Mário de Andrade, *Carta pros Icamíabas In Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*, p.79

já que toda a nossa “cultura de formação” foi algo que veio pronto, trazido da metrópole e alicerçado em nossa história como sendo algo puramente nacional. Aqui vale ressaltar, já que o tema proposto é “Colonizador e barbárie: um a visão de Macunaíma”, o que o autor Mário dizia, em tom muito crítico, acerca do europeísmo, ou seja, da “necessidade” que os brasileiros tinham de “copiar” o que não era nacional, especialmente o que era europeu. Para ele o europeísmo era a eterna necessidade dos brasileiros de beberem das fontes européias, era aquilo que fizera com que os intelectuais brasileiros vivessem “de corpo no Brasil e de espírito na Europa”<sup>12</sup>, era enfim “a moléstia de Nabuco” que o autor definia como sendo:

“Moléstia-de-Nabuco é isso de vocês andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista e é isso de você falar dum jeito e escrever covardemente colocando o pronome carolinamichaelismente. Estilize a sua fala. Sinta a Quinta da Boa Vista pelo que é e foi e estará curado da molétias –de-Nabuco”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Mário de Andrade, *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, p. 429

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 150

## CONCLUSÃO

Após o exposto nesse trabalho fica evidente o papel que nossos colonizadores tiveram na “construção da identidade nacional”, construção essa que até os dias de hoje ainda se encontra inacabada.

A obra em questão, *Macunaíma* de Mário de Andrade, foi uma tentativa “frutífera” do autor de resgatar para o povo brasileiro e de mostrar para o mundo que o Brasil tinha sim uma história própria, não mais idealizada como os antepassados românticos preconizavam, mas sim uma história inserida no contexto do Movimento Modernista, ou seja, uma história baseada na realidade crítica do país, pois só tendo como base o presente é que pode-se revirar o passado e tirar de lá todas as informações que são necessárias.

Nesse sentido a obra em análise cumpre muito bem o seu papel, diga-se principal em todo esse contexto. O livro une características nacionais e exteriores, passado e presente para trazer a tona os mais importantes temas relacionados ao Brasil da época. Aqui vale citar um texto de Antonio Candido “Literatura de Dois Gumes”, no qual ele fala que a literatura tem um duplo papel no que se refere ao social: ao mesmo tempo em que a literatura mostra a obra, ela faz com que a mesma sociedade que vê a obra, passe a refletir sobre a mesma. Tendo por análise *Macunaíma*, este livro se prestou exatamente a esse duplo sentido explicitado acima.

Para finalizar, como o tema do trabalho foi “Colonizador e barbárie, uma visão de *Macunaíma* fica explícita essa relação entre o que nos foi imposto, tanto na literatura, como na língua, na política, na cultura.... e o que a obra *Macunaíma* tentou resgatar no País de 1928.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flavio e VASCONCELOS, Sandra Giardini T. (Org.). *Ángel Rama – Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. 32ª ed., Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001.
- ASSIS, Machado de. *Literatura brasileira: instinto de nacionalidade*. In: Esaú e Jacó: críticas literárias. São Paulo: Formar, s/d.
- BERND, Zilá e CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). *Literatura e americanidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira- momentos decisivos*. 7ª ed., Belo Horizonte: Itatiaia, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CARRIZO, Silvina. *Fronteiras da imaginação – os românticos brasileiros: mestiçagem e nação*. Niterói: Ed. UFF, 2001.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Gribaldo, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: Ed. José Olimpio, 1968.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *No tempo do rei*. In: *Saco de gatos*. São Paulo: Duas cidades, 1976.
- HELENA, Lucia. *Escrevendo a nação*. In: *Congresso da ABRALIC: Literatura e diferença*, 4., 1994, São Paulo. Anais... São Paulo: Ed. da USP, 1994.
- MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Ed. Cortez; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1990.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, AFFONSO M. *A História Contada – Capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1998.